

Sem recursos, SUS pode ficar inadimplente

Os hospitais que prestam serviços para o Sistema Único de Saúde (SUS) poderão ficar sem recursos para pagar o salário de outubro de seus funcionários, já vencido, e a primeira parcela do 13º salário, a ser paga até o dia 30 de novembro, caso o Governo não dê uma solução imediata para a liberação de recursos para o setor nos próximos dias.

A advertência foi feita ontem pelo presidente da Federação Brasileira de Hospitais (FBH), Carlos Eduardo Ferreira, lembrando que agora há dinheiro, mas "as autoridades governamentais estão demorando em achar uma solução para emitir os empenhos necessários ao pagamento do SUS, uma vez que o Orçamento do Ministério da Saúde de 1994 foi aprovado sem emendas no Congresso e a dotação orçamentária é insuficiente para sustentar o ministério e o SUS, pois já foi gasta ao longo do ano".

Até a aprovação do Orçamento, a saúde vinha se mantendo em função da medida provisória, baixada no início deste ano, pela qual os recursos da saúde eram incomprimíveis, ou seja, podiam ser utilizados sem a obediência constitucional dos 1/12. A partir de sua aprovação, no entanto, o Governo ficou sem esse expediente. Isso causou um fato inusitado, segundo o presidente da FBH: agora há recursos financeiros, mas não podem ser utilizados, porque o Orçamento de 1994 já foi todo consumido.

A solução imaginada por Carlos Eduardo Ferreira seria a transferência da dívida do Ministério da Saúde com o Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAT), de R\$ 636 milhões, para o exercício de 1995. Esta reserva criada daria apenas para quitar os serviços prestados pelos hospitais em setembro. Os pagamentos dos meses de outubro, novembro e dezembro só poderão ser realizados pelo Governo se houver um remanejamento interno no Ministério da Saúde e uma suplementação orçamentária de outras áreas governamentais.

Os prestadores de serviços há muito vêm enfrentando uma crise que tem levado hospitais de alta complexidade, como Santas Casas de Misericórdia, se desligarem do SUS. Carlos Eduardo assegura que isto vem acontecendo "porque inexistente um planejamento e uma política nacional de saúde."